REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

NARRATIVAS DE PODER E ESCRAVIDÃO NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

AUTORITY'S NARRATIVE AND SLAVERY IN MACHADO DE ASSIS LITERARY OEUVRE

NARRATIVAS DE PODER Y ESCLAVITUD EN LA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Ana Déborah Santos Silva[1]

e747755
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7755

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

A obra de Machado de Assis revelou-nos ainda no Brasil Imperial a escravidão ainda latente. Em suas obras *Dom Casmurro* e *Pai contra Mãe* podemos perceber personagens interagindo com escravizados, a rotina de senhores e servos e a vida íntima de escravizados sendo descrita através da obra do autor. Bento e Escobar em *Dom* Casmurro e Cândido Neves e Clara em *Pai contra* Mãe, validam ainda mais a escravização e a desumanização com que eram tratados os escravizados. Machado de Assis, autor negro e descendente de escravizados, não hesitava em registrar em suas obras tais (in)cômodos para a sociedade escravocrata da época. Além de obra literária, seus escritos são registros históricos. Este artigo visa analisar criticamente trechos da obra *Dom Casmurro* e do conto *Pai contra Mãe*, obras que tratam do mesmo assunto sobre abolição, escravidão e suas dificuldades em períodos distintos da escravidão no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Pai contra mãe. Dom Casmurro.

ABSTRACT

Machado de Assis' literary oeuvre was able to show a Colonial Brazil where slavery was persisted. Dom Casmurro and To Beat or Abet, we can realize slaves interacting to their owners, also we can read all the details about their lives being described in Machado's words. Bento and Escobar in Dom Casmurro and Cândido Neves in To Beat or Abet, confirm slavery and dehumanization which slaves had been treated. Machado de Assis, black author and slaves' descendants, did not hesitate to write in his books some (un) comfortable moments about the enslaver society of that time. Besides his books, all of his written are historical facts about Brazil society. This academic paper analyses critically parts of Dom Casmurro and To Beat or Abet in Brazil Portuguese Language which consults the same aspect about abolishment, slavery and their difficulties in different periods in Brazil.

KEYWORDS: *Machado de Assis. To Beat or Abet. Dom Casmurro.*

RESUMEN

La obra de Machado de Assis nos reveló, ya en el Brasil imperial, la esclavitud todavía latente. En sus obras Don Casmurro y Padre contra Madre podemos percibir a los personajes interactuando con los esclavos, la rutina de los señores y los siervos, y la vida íntima de los esclavos, descrita a partir de la obra del autor. Bento y Escobar en Don Casmurro y Cândido Neves y Clara en Padre contra Madre, confirman aún más la esclavitud y la deshumanización con que se trataba a los esclavizados. Machado de Assis, autor negro y descendiente de esclavizados, no dudaba en plasmar en sus obras tales incomodidades para la sociedad esclavista de la época. Además de obras literarias, sus escritos son testimonios históricos. Este artículo pretende analizar críticamente

[1] Graduada em Letras-Inglês – Universidade Federal do Ceará. Pós-graduação em Gestão Escolar – UNIASSELVI. Professora de língua inglesa da Rede Municipal de Fortaleza.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

fragmentos de la obra Don Casmurro y del conto Padre contra Madre, dos obras que tratan el mismo tema sobre la abolición, la esclavitud y sus dificultades en distintos periodos de la esclavitud en Brasil.

***PALABRAS-CLAVE**: Machado de Assis. Padre contra Madre. Don Casmurro.*

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual políticas públicas como cotas para pessoas pretas, pardas e quilombolas em concursos públicos e universidades federais trazem à luz um vestígio da escravidão ainda latente na história brasileira. Embora o processo de abolição tenha ocorrido há séculos, a marca deste período existe de forma velada e traz à tona diariamente o preconceito racial nas vidas desta população.

A comunidade negra busca uma reparação a partir de todas as decorrências do processo de escravização que foi obrigada a trabalhar forçosamente e submetida a trabalhos e tratamentos desumanos. O dicionário Aurélio da língua portuguesa, tem por definição de escravo a "pessoa que passou por um processo de escravização, que não teve direito à sua liberdade, sendo submetido à vontade de outrem, e definido como propriedade." Levando em consideração esta condição da população negra, direito a saúde, moradia e educação foram negados.

É sabido que a população negra era proibida de acessar locais de convívio social de pessoas brancas, tais como: igrejas, escolas, praças, transportes públicos (bondes de tração animal), entre outros. Segundo Fonseca (2002, p. 11), em 1835 "foi legalmente determinado que os escravos não poderiam frequentar escolas e que estas seriam franqueadas somente aos homens livres", por exemplo.

Diante deste cenário, a Literatura Brasileira, através da obra de Machado de Assis, registrou o período escravocrata brasileiro e seu impacto para a economia, cultura, religião e o convívio social da época. A partir do exposto, o interesse deste artigo científico é responder a seguinte questão: por que durante e após a abolição a relação de poder entre escravizado e escravocrata ainda era pungente?

Analisaremos trechos de contos e romances onde a servidão e seus efeitos foram retratados através de seus personagens a fim de destacar nuances de sua escrita, a aparição de escravos em suas obras e a sociedade corrente da época.

1. DOM CASMURRO

Joaquim Maria Machado de Assis nascido em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro foi jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Ocupou a cadeira de nº 23 da Academia

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Brasileira de Letras, ocupando a presidência da Academia por mais de dez anos, fazendo esta ser conhecida por Casa de Machado de Assis. O autor faleceu em 29 de setembro de 1908.

O Realismo criticava a sociedade, seus valores morais, mostrando a realidade a partir de denúncias sociais como pobreza, infidelidade, manias, fraquezas. Sua linguagem é simples, clara e objetiva. Além disso, há objetividade, descrição de personagens e ambientes com riqueza de detalhes. Há ainda a profundidade psicológica de personagens, confirmando ainda a estética filosófica desta fase.

Em sua obra Dom Casmurro, lançada em 1899 marca oficialmente a fase realista do autor. Neste livro, a narrativa entre Capitolina e Bento Santiago apresenta-nos o amor juvenil entre ambos. Escobar, amigo de Bento em sua fase seminarista, desperta a desconfiança e obsessão de Bento por Capitolina em sua fase adulta.

Diante deste cenário, Machado de Assis não deixa de descrever em alguns trechos de sua obra a opulência em que vivia Bentinho e sua mãe D. Glória, sempre servidos de escravos:

"[...] Contei-lhe o que sabia da vida dela e de meu pai. Escobar escutava atento, perguntando mais, pedindo explicação das passagens omissas ou só escuras. Quando lhe disse que não me lembrava dos seus três anos de idade, ainda agora frescas. E não contávamos voltar à roça?

— Não, agora não voltamos mais. Olhe, aquele preto que ali vai passando, é de lá. Tomás!

— Nhonhô!

Estávamos na horta da minha casa, e o preto andava em serviço; chegou-se a nós e esperou.

— É casado, disse eu para Escobar. Maria onde está?

— Está socando milho, sim, senhor.

— Você ainda lembra da roça, Tomás?

— Alembra, sim, senhor.

— Bem, vá-se embora.

Mostrei outro, mais outro, e ainda outro, este Pedro, aquele José, aquele Damião...

— Todas as letras do alfabeto, interrompeu Escobar.

Com efeito, eram diferentes letras, e só então reparei nisto; apontei ainda outros escravos, alguns com os mesmos nomes, distinguindo-se por um apelido ou da pessoa, como João Fulo, Maria Gorda ou de nação como Pedro Benguela, Antônio Moçambique...

— E estão todos aqui em casa? Perguntou ele.

— Não, alguns andam ganhando na rua, outros estão alugados. Não era possível ter todos em casa. Nem são todos os da roça: a maior parte ficou lá.

— O que me admira é que D. Glória se acostumasse logo a viver, em casa da cidade, onde tudo é apertado; a de lá é naturalmente grande.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

— Não sei, mas parece. Mamãe tem outras casas maiores que esta; diz porém que há de morrer aqui. As outras estão alugadas. Algumas são bem grandes, como a da Rua da Quitanda...

— Conheço essa; é bonita,

— Tem também no Rio Comprido, na Cidade-Nova, uma no Catete...

— Não lhe hão de faltar tetos, concluiu ele sorrindo com simpatia.

Caminhamos para o fundo. Passamos o lavadouro; ele parou um instante aí, mirando a pedra de bater roupa e fazendo reflexões a propósito do asseio; depois continuamos. Quais foram as reflexões não me lembra agora; lembra-me só que as achei engenhosas, e ri, ele riu também. A minha alegria acordava a dele, e o céu estava tão azul, e o ar tão claro, que a natureza parecia rir também conosco. São assim as boas horas deste mundo. Escobar confessou esse acordo do interno com o externo, por palavras tão finas e altas que me comoveram; depois a propósito da beleza moral que se ajusta à física, tornou a falar de minha mãe, “um anjo dobrado”, disse ele” (Assis, 1899 *apud* Duarte, 2020, p.236-8.).

Constatamos neste breve diálogo o desprezo em que Bentinho refere-se aos escravizados quando começa a quantificá-los como mercadoria ao apontar e dizer seus nomes, expor a vida íntima de um deles ao declarar que é casado e perguntar por sua esposa. Em seguida, Bentinho inclui um escravizado em seu diálogo ao perguntar se ele se recorda de um período vivido na roça, e não havendo mais “utilidade”, dispensa-o.

Então Bento e Escobar passam a observar os demais e bestificá-los, ignorando seus nomes de batismo, e de nação, adotando nomes pejorativos e alugando-os como animais. Em relação aos nomes de escravizados, o autor cuidadosamente revela-os com nomes de santos da igreja católica: Tomás, Pedro, José, Maria e Damião. Além de integrar elementos da religião da sociedade dominante, temos estes seguidos por seus prováveis países de origem: Pedro Benguela e Antônio Moçambique.

Podemos observar neste breve diálogo entre Bento e o escravizado Tomás, o tom imperativo de seu senhor para o escravizado. É possível constatar ainda a obediência, estima e passividade de Tomás pois o sustento de sua família com Maria é garantido desde os tempos da roça, mesmo que este venha do trabalho forçado de ambos.

Mais adiante, no mesmo diálogo, Bento e Escobar ainda relatam suas vidas e a indiferença perante a escravidão. Para Pereira (2010, p.495)

> “Antes, a alegria de Bentinho “acordava” a de Escobar e o céu se mostrava “tão azul, e o ar tão claro, que a natureza parecia rir também” com os dois amigos. A existência da escravidão diante de seus próprios olhos não impedia que a própria natureza risse com eles, num perfeito acordo do “interno com o externo”, situação de enleio tão grande que Escobar pôde expressar esse estado de alma com palavras “tão finas e altas” que deixaram Bentinho deveras comovido.”

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

A moral vigente é personificada na figura de D. Glória quando Escobar afirma que “a beleza moral que se ajusta à física” ao compará-la com um “anjo dobrado “(Assis, 1899 *apud* Duarte, 2020, p.238). Neste trecho, Escobar infere que o remorso diante da escravidão não deixa sombra de mágoa, arrependimento ou tristeza que possa abalar a beleza exterior de D. Glória.

2. PAI CONTRA MÃE

O conto *Pai contra mãe,* foi publicado em 1906 em Relíquias da Casa Velha. Neste período, o Brasil abandonava o passado Imperial e transformava-se em uma nação Republicana com a chegada do governo de Marechal Deodoro da Fonseca. Após alguns anos da abolição da escravatura no país, o autor reforçava a permanência da memória da escravidão no Brasil, visto que

> “No início dos tempos republicanos, a “mancha negra” que toldava a imagem harmoniosa do passado colonial e dos governos imperiais precisava ser ocultada e, mesmo, extirpada, nem que para tanto se queimassem os arquivos do tráfico, conforme ordenou Rui Barbosa, ministro da Fazenda do governo Deodoro da Fonseca. A queima dos arquivos, retomada em *Memorial de Aires* (1908), surge como o gesto mais visível do esforço de ocultação empreendido após o 13 de maio, com vistas a amenizar o constrangimento oriundo da “nódoa” escravista presente na história do país” (Duarte, 2020, p.306).

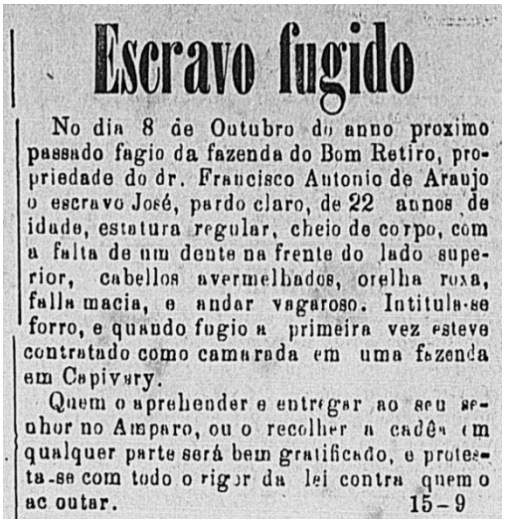
O autor inicia o conto afirmando “A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais” (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 167). Neste contexto, detectamos a ausência do governo imperial e a libertação dos escravos. Mais adiante, o autor descreve aparelhos de tortura como a máscara de flandres, o ferro ao pescoço e o ferro ao pé, contando ainda “vantagem” ao uso da máscara, pois esta fazia perder vícios como a embriaguez e o furto.

O autor descreve ainda a frequente fuga de escravos e a consequência de seus atos: “Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam de escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada.” (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 167). No Brasil Imperial, por inúmeros casos de escravizados fugitivos, surgiam anúncios com detalhes que entregavam características únicas de cada escravizado fugitivo, tais como: roupa, nome, defeito físico (se o tinha), o bairro por onde andava e principalmente a quantia de gratificação da caça (FIGURAS 1 e 2). Havia também quem fizesse deste um ofício de pouco prestígio, porém que punha ordem à desordem. Não há menção do termo *capitão do mato* no conto.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Figura 1. Anúncio de escravo fugitivo



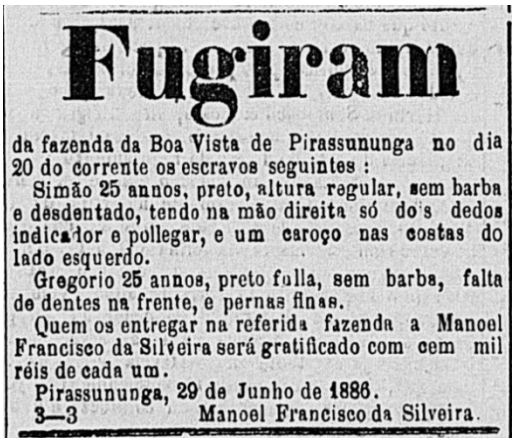
Escravo fugido

No dia 8 de Outubro do anno proximo passado fugio da fazenda do Bom Retiro, propriedade do dr. Francisco Antonio de Araujo o escravo José, pardo claro, de 22 annos de idade, estatura regular, cheio de corpo, com a falta de um dente na frente do lado superior, cabellos avermelhados, orelha roxa, falla macia, e andar vagaroso. Intitula-se forro, e quando fugio a primeira vez esteve contratado como camarada em uma fazenda em Capivary.

Quem o aprehender e entregar ao seu senhor no Amparo, ou o recolher a cadêa em qualquer parte será bem gratificado, e protesta-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutar. 15—9

Fonte: São Paulo Antiga (2013)

Figura 2. Anúncio de escravos fugitivos



Fugiram

da fazenda da Boa Vista de Pirassununga no dia 20 do corrente os escravos seguintes :

Simão 25 annos, preto, altura regular, sem barba e desdentado, tendo na mão direita só dos dedos indicador e pollegar, e um caroço nas costas do lado esquerdo.

Gregorio 25 annos, preto fulla, sem barba, falta de dentes na frente, e pernas finas.

Quem os entregar na referida fazenda a Manoel Francisco da Silveira será gratificado com cem mil réis de cada um.

Pirassununga, 29 de Junho de 1886.

3—3 Manoel Francisco da Silveira.

Fonte: São Paulo Antiga (2013)

O personagem que adquire este serviço de capitão do mato, termo implícito na obra, é Cândido Neves. Observamos a escolha criteriosa dos nomes de Cândido Neves e sua esposa Clara cujos significados são “branco”, “puro”, “inocente”, “ingênuo” e “brilhante”, “luminosa” e “ilustre” respectivamente. Ambos de origem pobre, foram advertidos diversas vezes por Tia Mônica, esta parente de Clara, que a sobrinha não deveria ter filhos, pois não teriam como sustentá-lo:

> “— [...] Veja, o marceneiro da esquina, o homem do armarinho, o tipógrafo que casou sábado, todos têm um emprego certo... Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas ocupação que escolheu é vaga. Passa semanas sem vintém” (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 170-171).

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Ao passar do tempo, os problemas crescem. Clara engravida. Tia Mônica propõe uma "solução" a fim de poupar a miséria deste novo integrante da família: a Roda dos enjeitados. Ao serem despejados da casa por falta de pagamento, foram morar de favor na casa de Tia Mônica – nome santo escolhido pelo autor, referindo-se a Santa Mônica pois era conhecida por sua imensa paciência – tiveram ajuda desta para morar em um aposento na casa de uma velha conhecida. A criança vem ao mundo para a alegria de todos e com ele a sentença de ser entregue a Roda dos enjeitados.

Machado de Assis descreve ainda o embate interno do pai Cândido Neves que reluta em entregar seu filho a Roda dos enjeitados e o desespero em procurar uma solução rápida e eficaz ao ler anúncios de jornais de escravos fugidos. Durante a narrativa vemos nomes de ruas como Rua do Parto e Rua da Ajuda, Largo da Ajuda e Rua da Guarda Velha. Tais lugares com nomes peculiares para sempre lembrar ao leitor que o conto se trata de paternidade, pedido de ajuda, resguardo e proteção.

Arminda, escravizada e grávida, era uma das foragidas que Cândido havia lido no jornal uma grande recompensa a sua captura. Ao avistar e reconhecer Arminda, Cândido aproximou-se dela e atirou a corda para capturá-la. Arminda implorou para não ser devolvida, na tentativa de suscitar a compaixão de Cândido:

> "—Estou grávida, meu senhor! Exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe pelo amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!" (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 175).

A justificativa do título do conto "Pai contra mãe" inicia-se na captura de Arminda. Machado de Assis narra a captura de Arminda com palavras breves, porém pesadas e egoístas como gemer, arrastar e lutar: "Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho" (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 176). Ao mostrar a realidade da época, Machado destaca a luta pela sobrevivência dos dois lados: de capitão do mato (mesmo não havendo este título mencionado pelo autor) e de uma escravizada prestes a dar à luz. Ambos lutam pela própria sobrevivência e de seus filhos, ainda que um esteja em condição livre. Arminda foi entregue a seu dono na Rua do Ourives e da Alfândega, nomes justificados para riqueza e joias, destacando o interesse mantido de Cândido pela recompensa.

Arminda aborta a criança no corredor da casa onde pertencia diante de Cândido Neves e seu antigo dono

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

> "[...] No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre" (Assis, 1906 *apud* Duarte 2020, p. 176).

Machado de Assis finaliza o conto com o desespero de seu personagem principal ao saber que não havia encontrado o filho na farmácia, local que o deixou ao sair para capturar a "escrava fujona". Recebeu o filho novamente com a mesma fúria, sendo esta justificada como "fúria de amor", obtém o perdão da tia ao mencionar a recompensa ganha de cem mil réis e demonstra indelicadeza ao relatar o fato ocorrido com Arminda a Clara e Tia Mônica. No fim, rende-se ao choro ao perceber o filho nos braços são e salvo, sem arrependimentos no coração, com a seguinte declaração: "Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração" (Assis 1906 *apud* Duarte 2020, p. 177). Percebemos no fim deste conto, para o autor, a aplicação da teoria de Hobbes na obra Leviatã onde declara que "o homem é lobo do próprio homem" na sua luta constante pela sobrevivência.

3. O PODER

Nesta relação de poder entre escravizado e escravocrata, a obra de Machado de Assis retrata claramente a exploração, trabalho forçado por longo período de tempo, condições desumanas de trabalho, entre outros. A análise crítica destas obras traz à tona o tom de cinismo, e eufemismo de ambos os narradores: Bento em Dom Casmurro e Cândido Neves em Pai contra Mãe, respectivamente.

Para a Análise Crítica do Discurso, este recurso utilizado pelo autor, relaciona-se a

> "A *prática social* é a dimensão relacionada aos conceitos de *ideologia* e *poder:* o discurso é visto numa perspectiva de poder como *hegemonia* e de evolução das relações de poder como luta hegemônica. A noção de ideologias toma por base o conceito de Althusser; entretanto, problematiza-o por marginalizar a luta, a contradição e a transformação. Ideologias são entendidas como significações ou construções da realidade, construídas nas várias dimensões das formas ou sentidos das práticas discursivas e contribuindo para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação" (Magalhães 2001, p. 17).

Machado de Assis demonstra essa relação de autoridade e poder em outras obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas, O Espelho e Virginius.*

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o narrador-personagem Brás Cubas, é apresentado ao escravizado Prudêncio ambos ainda crianças, para servi-lo como cavalo em uma de suas brincadeiras infantis. Nesta relação de poder ainda que inocente por vir de uma criança livre a uma criança escrava, a coisificação é concretizada quando o narrador-defunto destitui características humanas do escravizado Prudêncio. Mais adiante, o autor dá características humanas ao personagem Prudêncio que passa a aconselhar Brás Cubas a visitar Dona Eusébia após a morte de sua mãe. Prudêncio ganha fala, sentimentos, ações e raciocínio, não sendo visto como objeto secundário na narrativa machadiana.

> "Se nas cenas anteriores Prudêncio aparece como escravo, aqui reencontramos esse personagem na condição de homem livre, premiado com a alforria pelo finado pai de Brás Cubas. A narrativa dá elementos para interpretarmos a alforria como resultado da adesão de Prudêncio às regras social, mas adaptou-se à sua lógica e acabou beneficiado. Apesar de ter sido tratado como cavalgadura pelo filho do senhor nas brincadeiras da infância, manteve a linha e a lealdade e, ao fim e ao cabo, recebeu a alforria do agradecido senhor" (Pereira 2010, p. 502).

Prudêncio ressurge na narrativa ironicamente maltratando escravos em via pública.

Mais uma vez podemos perceber a evolução das relações de poder presente na narrativa machadiana. Prudêncio, agora na condição de proprietário de escravos, ao açoitar publicamente um escravo e em *Pai contra Mãe*, Cândido Neves não poupa esforços ao arrastar a escrava Arminda e entregá-la ao seu dono, mesmo estando grávida. Para Cândido Neves, mesmo sendo pobre, o poder era representado no papel social de homem livre. Já para Prudêncio, mesmo na condição de ex-escravo e homem negro, a construção de seu discurso e ideologia foram alteradas para ser um homem cruel com pessoas negras, fazendo-lhe esquecer de sua condição anterior.

A hegemonia escravocrata predominante da época limitava Machado de Assis a escrever abertamente em defesa ou contra a abolição da escravidão. Diferentemente de José do Patrocínio, que em seus escritos lutava veementemente pela abolição.

> "Para Patrocínio a pena de Machado, ao invés de ser colocada a serviço da causa abolicionista, destilava "fel e veneno" e "todas as serpes reunidas da astúcia, da hipocrisia e da revolta contra sua cor e a sua progênie aninhavam-se-lhe no coração" (MURAT, 1926 *apud* PEREIRA 2010, p. 507).

Para a Análise Crítica do Discurso, a ausência de posicionamento explícita de Machado de Assis sobre a abolição em suas obras é justificável, pois

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

> "[...] No entendimento de Fairclough, as ideologias diversas, conforme Gramsci, estão implícitas nas práticas dos sujeitos, estruturando-os, de modo a dar-lhes um caráter estranhamente multifacetado e uma visão de senso comum, depositária de efeitos diversos das ideologias passadas, mas capaz de estabelecer metas para as lutas presentes. Essa visão de senso-comum é que naturaliza ou automatiza as ideologias" (Magalhães 2001, p.18).

Ademais, Machado de Assis utilizava a ironia, sutileza e sarcasmo para demonstrar através de seus personagens a ausência de ânimo e ímpeto para vida, onde vemos com maior clareza em Brás Cubas quando morto. Em Dom Casmurro, o narrador-personagem, já velho e casmurro, sem perspectiva de felicidade e recomeço.

Para Pereira (2010, p. 511) o autor não deixou de posicionar-se a respeito da abolição da escravidão no Brasil

> "À sua moda, Machado não deixou de se posicionar diante do meio social que o rodeava; afinal, descrever o meio em que se vive através da sátira, do escárnio, do sarcasmo, da fina ironia e do humor sutil e às vezes cáustico não deixa de ser uma forma de firmar uma posição – portanto, o distanciamento não significa, necessariamente, indiferença."

Personagens como Prudêncio, Brás Cubas e Bento Santiago não foram poupados da crítica social presente na narrativa astuta e crua do autor. Mesmo não explicitando a sua revolta com o sistema escravocrata vigente, Machado demonstrou em seus personagens secundários em suas obras a forma como este sistema era presente na sociedade da época. Ainda com o ceticismo presente em sua narrativa, o autor não deixou de duvidar sobre uma sociedade sem classe e sem escravizados. Uma sociedade de trabalho livre significando uma "eterna e imutável luta pela vida" (Pereira, 2010, p. 515). Ainda que houvesse a abolição, para Machado, haveria a multiplicação de inúmeros Brás Cubas e Cândidos das Neves na sociedade brasileira.

4. MÉTODOS

O propósito deste artigo científico é analisar trechos da obra do escritor Machado de Assis *Dom Casmurro* e do conto *Pai contra Mãe* do mesmo autor. Ambos tratam do período escravocrata presente no Brasil naquele período e como foi aplicado o "trabalho livre" no conto.

Este estudo é de caráter qualitativo e pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, pois a pesquisa foi feita a partir de obras publicadas do autor entre os anos de 1899 e 1900 para *Dom Casmurro* e 1906 para *Pai contra Mãe.* Com foco em relatar a escravidão e o trabalho de ex-

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

escravizados da época. Ademais, foi feita uma análise do discurso de ambas as obras e seus personagens.

Além disso, há ainda a demonstração de poder entre escravizados e senhores presentes na obra de Machado de Assis e como o autor reportou o período escravocrata vigente no Brasil de sua época.

As obras consultadas foram em formatos físico e online, nos períodos de fevereiro a março de 2026, em sites oficiais e autores pesquisadores renomados do meio literário.

5. CONSIDERAÇÕES

Personagens escravocratas como Brás Cubas, Cândido das Neves e Bento Santiago são retratos de narradores que mesmo "alheios" a um problema diário, usava de eufemismos e um toque de cinismo a fim de "não danificar" sua mão de obra, pois a partir desta vinha sua riqueza e sustento. Machado de Assis, descreveu em *Pai contra Mãe*, elementos usados para tortura; em *Dom Casmurro,* Bento Santiago bestifica e quantifica os escravizados, e em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a desumanização do personagem Prudêncio quando usado como cavalo quando criança por Brás Cubas em suas brincadeiras infantis.

Ainda que a publicação de seus textos tenha ocorrido em 1899 para *Dom Casmurro,* em 1880 para *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em 1906 para *Pai contra Mãe*, o tema escravidão ainda é atual para a sociedade brasileira, mesmo com políticas públicas voltadas para a população negra e de baixa renda, faz-se necessário o combate ao racismo estrutural, religioso, institucional, recreativo e cultural.

Machado de Assis através de suas obras, mostrou-nos um Brasil durante e pós-escravidão. Somente a partir da leitura de seus livros, percebemos que a escravidão se modernizou e ainda assim persegue a vida e os sonhos da população negra que busca uma vida melhor a cada dia.

REFERÊNCIAS

ANTIGA, São Paulo. **Os repugnantes anúncios de escravos do século 19**. 5 jul. 2013. Disponível em: https://saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/. Acesso em: 8 mar. 2026.

ASSIS, Machado de. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: https://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia. Acesso em: 07 fev. 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis Vida e Obra,** 2008. Disponível em: https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/24-conto. Acesso em: 15 fev. 2026. E-book.

DE NOMES, Significado . Cândido. **Dicionário de Nomes Próprios**, 2026. Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/candido/ . Acesso em: 28 fev. 2026.

DE NOMES, Significado . Clara. **Dicionário de Nomes Próprios**, 2026. Disponível em: https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/clara/ Acesso em: 28 fev. 2026.

DUARTE, Eduardo De Assis. **Machado de Assis: Afrodescendente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020. ISBN 9788592736606.

FONSECA, Marcos V. **A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição do trabalho escravo no Brasil**. Educ. Rev., Belo Horizonte, n. número especial, p. 95-122, jun. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982000000200006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 jan. 2026

MAGALHÃES, C. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS--ESTUDOS LINGUISTICOS. **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso.** Belo Horizonte: Programa De Pós-Graduação Em Letras-Estudos Linguisticos, FALE – UFMG, 2001.

O homem, lobo do próprio homem: diálogos entre Hobbes e Chalámov. **Revista Opinião Filosófica**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 506–532, 2018. DOI: 10.36592/opiniaofilosofica.v8i2.818. Disponível em: https://hml.opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/818. Acesso em: 10 mar. 2026.

PEREIRA, Lupércio Antônio. A escravidão e o trabalho livre em Machado de Assis. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 14, n. 3, p. 491-516, 2010.

Digitally signed by RECIMA21 REVISTA CIENTIFICA MULTIDISCIPLINAR LTDA:40166538000195.
Timestamp: 2026-04-15 16:29:43 -03.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.